



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8691 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT02/GT 17 - História da Educação e Filosofia da Educação

**INTERDISCIPLINARIDADE, MULTICULTURALISMO, HIPERMODERNIDADE E A EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA**

Haleks Marques Silva - UFT-PPPGE - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Maria José de Pinho - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

**INTERDISCIPLINARIDADE, MULTICULTURALISMO, HIPERMODERNIDADE E A EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA**

**RESUMO:** O presente estudo tem sua ideia central na reflexão teórica das discussões recorrentes no âmbito educacional no que tange à interdisciplinaridade enquanto articuladora de trabalhos realizados integralmente em conjunto com outros saberes. Pretende-se salientar que, antes de serem introduzidas no campo educacional, expressões do multiculturalismo se fazem presentes nas artes, nos movimentos sociais, em políticas. Além disso, elucida-se como o multiculturalismo implica o e conhecimento da diferença, o direito à diferença, colocando em questão o tipo de tratamento que as identidades tiveram e vêm tendo nas democracias tradicionais, especialmente na região Amazônica. Finalmente, o artigo pretende demonstrar que a interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e o real papel das universidades e das políticas públicas na educação proporcionarão melhores condições de vida, não só na região Amazônica, mas para todos os seres humanos e para além deles, principalmente neste tempo da hipermodernidade. Conclui-se que uma educação multicultural exigirá um grande trabalho de desconstrução dos parâmetros vigentes, caso contrário, o multiculturalismo, preconizado pelas políticas públicas educacionais, tenderá a ser tratado nas salas de aula, com significações que acentuam e atualizam discursos e atitudes preconceituosas e discriminatórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Multiculturalismo. Interdisciplinaridade. Hipermodernidade. Amazônia.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa teórica de cunho bibliográfica feita através de análises de artigos, revistas e em livros e sites especializados no assunto, na tentativa de

buscar respostas ao problema suscitado a partir de referências já publicadas.

No âmbito educacional uma das discussões recorrentes diz respeito à interdisciplinaridade enquanto articuladora de trabalhos realizados integralmente em conjunto com outros saberes, ao invés de um saber ou disciplina especificamente isoladas. A interdisciplinaridade para muitos é tida como a arte da globalização dos conhecimentos, onde o indivíduo não se apropria de um conhecimento particular, mas de um conhecimento global, que o capacita a articular, religar e contextualizar todos os conhecimentos adquiridos. Cabe ressaltar, que a interdisciplinaridade não anula a disciplinaridade, pelo contrário, uma complementa a outra, visto que uma inexistente sem a outra. Destarte, a interdisciplinaridade é tida como um ponto de cruzamento entre atividades disciplinares ou interdisciplinares. Diz respeito ao equilíbrio proporcionado pela “análise fragmentada e a síntese simplificadora” (Jantsch & Bianchetti, 2002). Desta forma como as diversas culturas amazônicas sobreviverão ao império hegemônico de destruição e a indiferença do atual Governo? Ao psicanalista Melman (2002) parece possível despertar no estudante, o desejo nele adormecido, valores ofuscados, objetivos de vida apagados, favorecendo, assim, a emergência do sujeito do inconsciente, construindo assim, um futuro obviamente diferente do passado e do presente, em que cada um possa assumir com responsabilidade e criatividade a própria vida, a própria identidade e lutar pela sua cultura.

Neste sentido, na sociedade hipermoderna, a questão da identidade encontra-se fragmentada e ao mesmo tempo centrada nas teorias sociais e práticas políticas. Esse fato proporciona o surgimento de novas formas de identidade que entram em conflitos com as antigas, a família, a religião, o trabalho e outras que se apresentam em crise e buscam cada vez mais estar em evidência, retratando-se na nova esfera social.

Não obstante a tudo que foi elucidado, convém ressaltarmos de que diante dos desafios surgidos durante todo o processo de desfragmentação em que o Ocidente está imerso e vive de maneira lancinante, reconhecido pelo que chamará Bauman (2009) de modernidade líquida, Lipovestky e Serroy (2011) de hipermodernidade, a mudança de atitude e pensamento é uma questão não apenas de adaptação, mas de sobrevivência. E as resistências são as mais diversas possíveis como dirá Mariotti (2010):

Em geral as pessoas só mudam de atitude quando submetidas a experiências traumáticas de grandes proporções. Entretanto, algumas modificações também podem ser deflagradas por insights poderosos. Para o surgimento de um insights é preciso receptividade, a adoção de uma postura de menor resistência ao novo, à diferença. Do contrário, nada acontecerá (MARIOTTI, 2010, p. 200).

Sendo assim, compreendemos que é a partir da globalização que as identidades culturais poderão se desintegrar resultando a homogeneização cultural, assim estas serão reforçadas ou aparecerão em novas identidades. Como pontua Stuart Hall, “à medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2011, p. 74).

A Amazônia brasileira é, ao mesmo tempo, singular e plural, carregada de muitas identidades que transbordam em diferenças. Estas cada vez mais vilipendiadas pelas parcas ações públicas para a conservação das diversas culturas na região Amazônica. “Sendo assim, a identidade não é definida biologicamente, mas sim historicamente, formada e transformada

continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e interpelados pelas culturas que nos rodeiam” (RODRIGUES; SILVA, 2018, p. 504). Deste modo, o multiculturalismo está presente na diferença, que permite compreender a formação dos povos da Amazônia, retratando sua igualdade ao mesmo em que retrata toda sua heterogeneidade cultural. Sendo assim, se faz necessária uma educação voltada para a complexidade, que seja capaz de lidar com as realidades multifacetadas da região amazônica. “A sociedade confere ao indivíduo não só o conjunto de papéis, mas também uma identidade designada” (BERGER, 2004, p. 27).

Com outras palavras, compreender o multiculturalismo é perceber que existe o outro, e muitos outros dentro de uma sociedade, culturas, vocábulos, identidades variadas que contribuem para a formação de diversas organizações. Desta maneira, credita-se que tudo se transforma e é a partir deste movimento contínuo da vida que as culturas com o convívio de outras mudam, e estas evoluções são fundamentais para a composição e o equilíbrio da heterogeneidade cultural. Assim sendo, segundo Miguel Nenevé:

O multiculturalismo é um sistema de crenças e comportamentos que reconhece e respeita a presença de todos os grupos diversos em uma organização ou sociedade, reconhece e valoriza as suas diferenças socioculturais e estimula e capacita sua contribuição continuada com um contexto cultural inclusivo dando poder a todas as pessoas nesta organização ou sociedade (NENEVÉ, 2009, p. 14).

Neste sentido asseveramos como possibilidade possível para superar esse bívio hodierno, que “o paradigma da complexidade oferece uma visão do ser humano indiviso, que participa da construção do conhecimento não só pelo uso da razão, mas de outras áreas intelectivas como as emoções, os sentimentos e as intuições”. (VILARINHO; SILVA; RODRIGUES, 2018, p. 1698). Com isso, torna-se urgente que as estruturas do funcionamento educacional incluam novas didáticas pedagógicas formativas.

As inovações didático-pedagógicas-formativas visam contribuir para se construir outro mundo possível, mais humano, solidário, igualitário, justo e democrático, capaz de assegurar amorosidade, cultura de paz, dignidade humana, diversidade cultural, cidadania planetária e sustentabilidade do planeta, bem como fomentar políticas de convivência, políticas ecológicas, políticas de solidariedade e políticas de qualidade de vida. Estas inovações são pautadas na Complexidade, na Transdisciplinaridade, no humanismo planetário, na governança global e em processos econômicos capazes de promover simultaneamente processos de globalização e desglobalização; crescimento e decrescimento; desenvolvimento e involução; transformação e conservação. A Epistemologia da Complexidade e a reforma do pensamento articulam-se com a reforma do pensamento político, a política de humanidade, a política de civilização, a reforma da educação, a reforma da universidade e a reforma de vida. A didática emergente valoriza a educação integral do ser humano e a compreensão de que a finalidade da educação, no século XXI, passa a ser pensar complexo e transdisciplinar a fim de promover metamorfose social, individual e antropológica e, portanto, salvaguardar a humanidade, a Terra-Pátria e dar prosseguimento ao processo de hominização (SUANNO, 2015, p. 9).

De acordo com o que foi exposto, os principais elementos do processo de rompimento com o velho paradigma, quais sejam a educação e o educador, merecem ser repensados com vistas à sua adequação ao mundo hipermoderno e “nos moldes da teoria da complexidade de Edgar Morin para fazer sentido aos discentes e também para afastarem a sina de uma

educação obsoleta que não é eficaz para responder as grandes questões globais e humanas” (VILARINHO; SILVA, 2018, p. 74), a fim de que sejam socialmente relevantes, cumprindo assim, o papel de produzir um saber autônomo e uma universidade mais multicultural.

A palavra-chave para esse novo paradigma de educador será competência, que indicará não o perfil de um profissional infalível e inquestionável, mas apenas alguém que está buscando e construindo as novas competências do novo tempo: competência intuitiva, geradora de criatividade e ousadia; competência intelectual, que estimula o pensamento reflexivo; competência prática, que torna organizativo; e competência emocional que torna proativo. (DAMAS, 2009, p. 29).

Importância vital possui assim a interdisciplinaridade na formação deste novo paradigma humano, sendo a educação seu vetor através da formação universitária socialmente responsável e emancipadora nos diversos tecidos sociais nacionais, em especial a região amazônica, e internacionais, na procura da conscientização de nossa condição humana e interdependente, ou ecologicamente dependente, percebendo que não existe ação humana ou ao ser humano que não produza imediato reflexo à toda a humanidade enquanto espécie. Neste sentido assevera Francisca Ângelo, que “a educação pode ser um dos instrumentos pedagógicos sociais para construir as relações interculturais, baseada no diálogo entre culturas” (ÂNGELO, 2002, p. 39).

Sendo assim, conforme Gonçalves e Silva (2003), se observarmos mais de perto a expansão do movimento multicultural na educação no Brasil, é urgente e necessária mudanças significativas nas nossas práticas escolares, principalmente na região amazônica. Porém, uma lição da qual não podemos nos esquecer é a de que uma educação multicultural exigirá, de nós, um enorme trabalho de desconstrução de paradigmas hegemônicos, ditados pelo hipercapitalismo. Caso contrário, o tema da pluralidade cultural preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais levará muito tempo para chegar às salas de aula, e mais tempo ainda às inúmeras realidades dos povos amazônicos.

Neste sentido dirão Lopez, Nenevé e Amaral (2013) que é preciso compreender que se deve proporcionar voz ao povo da Amazônia brasileira, mostrando que a literatura de uma região é uma das maiores forças para entender e valorizar a cultura do outro, que possibilita as grandes mudanças sociais. Segundo os PCNs, “O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (BRASIL, 2001, p.31).

De acordo com Guacira Lopes Louro:

Sem alimentar uma postura reducionista ou ingênua - que supõe ser possível transformar toda a sociedade a partir da escola ou supõe ser possível eliminar as relações de poder em qualquer instância - isso implica adotar uma atitude vigilante e contínua no sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o ‘natural’; isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder (LOURO, 1997, p. 86).

Nessa perspectiva, é necessário percebermos que os povos da Amazônia não são invisíveis e encontram-se em um espaço e tempo determinado, sendo produto das condições históricas, como também dignos de narrar as suas histórias e passar para a posteridade.

## REFERÊNCIAS

ÂNGELO, Francisca N. P. A educação e a diversidade cultural. **Cadernos de Educação Indígena**, Barra dos Bugres, v.1, n. 1. p. 34-40., 2002.

BAUMAN, Sygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BELTRÃO, Jane Felipe. LACERDA, Paula Mendes. (Orgs.) **Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades**. Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2017.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**, 2001.

DAMAS, Luis Antonio. Interdisciplinaridade e transdisciplinariedade: o jeito de educar na modernidade. In: SANTOS, Jocyléia Santana dos. **Competências interdisciplinares**. São Paulo: Xamã, 2009.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v.29, n.1, p. 109-123, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JANTSCH, A.; BIANCHETTI, L. (Org.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: respostas a uma sociedade desorientada**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOPEZ, Nuria Sagué; NENEVÉ, Miguel; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel. Por um ensino multicultural na Amazônia. **Revista Eletrônica Igarapé**. Rondônia: n. 2, set. 2013.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARIOTTI, Humberto. **Pensando diferente: como lidar com a complexidade, a incerteza e a ilusão**. São Paulo: Atlas, 2010.

MELMAN, Charles. **L'homme sans gravité**. Paris: Denoël, 2002.

NENEVÉ, Miguel. **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o plural em reflexões e ações**. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel, (Org.), Editora CRV. Curitiba, 2009.

RODRIGUES, Wallace; SILVA, Haleks Marques. Através da tolerância e do respeito à diversidade: uma educação para reeducar o homem atual. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 9, n. 2, p. 501-513, jul./set. 2018.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade**. 2015. Disponível em: <

uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos\_completos/247-473-31032016-215930.doc>. Acesso em: 18 out. 2020.

VILARINHO, Daniel Cervantes Angulo; SILVA, Haleks Marques. Interdisciplinaridade e formação docente na hipermodernidade. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**. Pará: v1, n.1, Ago. 2019.

VILARINHO, Daniel Cervantes Angulo; SILVA, Haleks Marques; RODRIGUES, Wallace. Pontos de metanóia para reformar o pensamento da educação na hipermodernidade. In: **XIII Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2018. v. 24. p. 1692-1701.